



Não Queira
No Seu, Oito
XI SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**

RASTREAMENTO DE CRIANÇAS COM MÉDIO RISCO PARA O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Maria Ravele Lima Chagas¹

Marcela Deyse Castro Lima²

Huana Carolina Candido Moraes³

Daniele Lima De Oliveira⁴

Leidiane Minervina Moraes De Sabino⁵

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) manifesta-se precocemente no período do desenvolvimento, impactando significativamente a qualidade de vida do indivíduo e de sua família. Objetivou-se realizar o rastreamento de crianças de 16 a 30 meses em médio risco para TEA. Trata-se de um estudo transversal, de abordagem quantitativa, conduzido por discentes de enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, com cuidadores de crianças na faixa etária delimitada e sem diagnóstico prévio de TEA. A coleta de dados foi realizada no período de junho a julho, estruturada em três etapas com duração média de 15 a 20 minutos. Inicialmente, realizou-se a apresentação dos pesquisadores, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o preenchimento de um questionário de perfil sociodemográfico. Em seguida, aplicou-se a triagem preliminar M-CHAT-R, cujas pontuações categorizavam a criança em risco baixo (0 a 2 pontos), moderado (3 a 7 pontos) ou elevado (8 a 20 pontos). Por fim, as crianças identificadas com risco moderado foram submetidas à escala M-CHAT-R/F (Modified Checklist for Autism in Toddlers Revised with Follow-up), que investiga detalhadamente as respostas para minimizar a ocorrência de resultados falso-positivos. A análise dos dados foi realizada mediante 20 questões com respostas de “passou” ou “falhou”. Considera-se triagem positiva duas ou mais perguntas com falha ou negativa até uma pergunta com falha. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Na triagem inicial, realizada com 59 participantes, 16,9% (n=10) obtiveram risco moderado para TEA. A aplicação do M-CHAT-R/F com 10 cuidadores, sobre o grupo de risco moderado, permitiu reavaliar os comportamentos e confirmar a real necessidade de investigação diagnóstica. Entre as variáveis socioeconômicas e demográficas dos participantes, verificou-se predominância de cuidadores com faixa etária de 41 a 61 anos (n=5; 50,0%), brasileiros (n=10; 100,0%), com escolaridade de segundo grau completo ou incompleto (n=7; 70,0%), com companheiro (n=5; 50,0%) e renda familiar igual a um salário mínimo (n=7; 70,0%). Desses, 70% (n=7) foram classificados com resultado positivo e 30% (n=3) com resultado negativo. A análise de associação indicou ausência de significância estatística ($p \geq 0,05$) entre a probabilidade de risco para o TEA e os fatores socioeconômicos e demográficos, o que reforça a natureza do transtorno interligada ao neurodesenvolvimento, cujos sinais manifestam-se independentemente de renda, escolaridade, contexto familiar ou agravos de saúde da criança. Ressalta-se, entretanto, que a amostra reduzida (n=10) limitou a precisão dos resultados, de modo que não se descarta totalmente a influência desses fatores. Conclui-se que o uso da escala M-CHAT-R/F na atenção básica é uma estratégia altamente eficaz para qualificar a triagem infantil, favorecer a intervenção precoce e otimizar os encaminhamentos para a rede especializada. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) da Unilab.

Apoio Financeiro: Bolsa de IC / Pibic.

Grande área do CNPq: Ciências da Saúde

Em que medida o meu trabalho contribui para “Diversidade, Inclusão e Transformação Social”? Corrobora para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista; saúde da criança; promoção da saúde; enfermagem.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Discente, ravelechagas16@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Docente, marcelalimapsic@gmail.com²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Docente, huanacarolina@unilab.edu.br³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Discente, dannyloliveiraod@gmail.com⁴

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, ICS, Docente, leidiane.sabino@unilab.edu.br⁵